

# CURSO DE INTRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO: EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO A PARTIR DA PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS EM CURTA-METRAGEM NA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO

PROF. MS. PAULO PASSOS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho ambiciona consolidar uma cultura de registro de imagens, depoimentos e narrativas dentro do espaço acadêmico sobralense. Antes de dar início ao texto, é necessário fazer uma ressalva: não trato, aqui, de desenvolver um trabalho científico na primeira acepção do termo. Pretendo apresentar a trajetória da experiência de um programa pioneiro na produção de imagens dentro da Faculdade Luciano Feijão (FLF): o curso livre de Introdução ao Documentário, ministrado no segundo semestre de 2011 nas dependências desta instituição de ensino superior, e que teve como alunos representantes do curso de Administração da FLF, além de discentes e de professores dos cursos de Ciências Sociais e História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Introdução ao Documentário foi possível graças à aprovação no edital 01/2011 do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NPE) que, pela primeira vez, aceitou a proposta de levar às comunidades interna e externa o trabalho com imagens.

O resultado do curso livre de Introdução ao Documentário pôde ser exibido na mostra Visualidades – realizada desde 2009 na UVA – e no Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão, no final do segundo semestre de 2011.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelas *Faculdades Integradas Hélio Alonso* (Facha/RJ/1994). Tecnólogo em Cinema pela *Universidade Gama Filho* (UGF/RJ/2007) e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ/1998), com a dissertação sobre “O cinema brasileiro e a pós-modernidade: uma questão histórica”, sob orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Consuelo da Luz Lins. Atualmente, é docente na *Faculdade Luciano Feijão* (FLF/Sobral-CE), co-produtor da mostra *Visualidades*, que integra o Programa “Visualidades: identificação e registro audiovisual para preservação do patrimônio cultural da cidade de Sobral/CE”, a ser realizado pela UVA (Proext, MEC, 2011). Tem experiência na área de Antropologia e Comunicação Social, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando, principalmente, nos seguintes temas: cultura, pós-modernidade e cinema (em especial o cinema brasileiro).

## UM BREVE HISTÓRICO DO CURSO LIVRE DE INTRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO

No segundo semestre do ano de 2009 recebi o convite do professor Dr. Nilson Almino de Freitas para dividirmos a disciplina optativa “Antropologia Visual”, no curso de Ciências Sociais, localizado no Centro de Ciências Humanas (CCH), campus do Junco da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral. Para mim, que havia ingressado havia um semestre como professor substituto na área de Antropologia, a experiência inédita permitiu intercâmbio que possibilitou reflexões sobre a realização audiovisual na cidade. No mesmo período, comecei a ministrar o curso livre de Introdução ao Documentário, com carga-horária de 60 horas/aula, no mesmo campus do Junco, e que beneficiou, sem custos adicionais, alunos dos cursos de Ciências Sociais e História, onde eu também ministrava aulas.

As duas disciplinas tiveram como objetivo dar subsídios teórico-metodológicos aos alunos envolvidos, e fomentar a produção de trabalhos que visam desenvolver a pesquisa com imagem. O I Visualidades ocorreu em conjunto com a VIII Semana de Ciências Sociais e com as comemorações pelos 10 anos do Centro de Ciências Humanas (CCH), Campus do Junco, nos dias 26 e 27 de novembro de 2009, e constituiu o momento de apresentação de trabalhos realizados durante o semestre.

O I Visualidades foi bem acolhido, em especial pela comunidade discente. Em função da boa aceitação, realizamos, no período de 17 a 30 de novembro de 2010, o II Visualidades. A mostra 2010 exibiu 12 vídeos documentários e seis trabalhos fotográficos e duas instalações de alunos e de professores da UVA. O curso livre de Introdução ao Documentário foi realizado novamente, desta vez com apoio da Secretaria do Desenvolvimento da Cultura de Sobral através da Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes (Ecoa), e serviu de oficina para a elaboração dos filmes documentários em curta-metragem. Além do Visualidades, os documentários puderam ser vistos na mostra I Ecos Visuais, que ocorreu entre os dias 16 de dezembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011, sob a tutela da Casa de Cultura de Sobral.

Na edição 2011 do Visualidades, o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NPE) da Faculdade Luciano Feijão e a coordenação do curso de Administração da FFLF, através da Empresa Júnior da instituição, apoiaram a iniciativa. O NPE aprovou a realização do curso de Introdução ao Documentário como projeto de extensão destinado a alunos e membros da comunidade acadêmica sobralense – em especial, discentes dos cursos de

Administração da FLF, além de estudantes e de professores dos cursos de História e Ciências Sociais da UVA.

Na noite de 29 de novembro a Faculdade Luciano Feijão recebeu, entre 19:00 e 21:30 horas, três curtas-metragens e “Sobral no Plural”<sup>2</sup>, apresentado pela primeira vez na FLF. O III Visualidades foi realizado entre 28 de novembro e dois de dezembro de 2010, das 19:00 às 21:30 horas, também no Centro de Ciências Humanas (CCH). Em 2011, além de trabalhos de alunos e professores das duas instituições, foram exibidos documentários de curta e longas-metragens de Rosemberg Cariry e seus filhos, Petrus e Bárbara Cariry.

Na Faculdade Luciano Feijão foi exibido o segundo filme produzido com recursos da UVA: “A vida entre tecidos, fios e nós” (28 minutos), dirigido pela docente Dr<sup>a</sup> Telma Bessa, do curso de História. Em seu vídeo, Telma apresenta histórias sobre a antiga fábrica de tecidos de Sobral (hoje, campus da Universidade Federal do Ceará - UFC) narradas a partir de ex-funcionários. O professor do curso de História, Ms. Paulo Henrique de Souza Martins, produziu com seus recursos e apresentou “Lembranças e vestígios de cativo: escravidão, abolição e pós-abolição” (25 minutos), no qual entrevista descendentes de escravos e moradores de comunidades quilombolas na zona norte do Ceará. Vale ressaltar que estas duas produções são fruto do curso de Introdução ao Documentário, realizado na FLF, a partir de pesquisas que já vinham sendo desenvolvidas pelos docentes da UVA.

## **O PROJETO DO CURSO DE INTRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO NA FLF**

A versão do curso livre de Introdução ao Documentário apresentada na Faculdade Luciano Feijão constava, a princípio, de 48 horas/aula. Na prática, o trabalho

---

<sup>2</sup> “Sobral no Plural” (51 minutos) foi realizado por mim e pelo prof. Nilson Almino, com a colaboração de docentes e alunos. O documentário, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão e pela Direção do CCH da UVA, apresenta a cidade de Sobral, do Centro à periferia, narrada por moradores e intelectuais. Um dos temas de “Sobral no Plural” é a variedade de manifestações de fé do morador da cidade. Vale ressaltar que a iniciativa de produção de filmes de docentes era, até então, inédita na UVA. “Sobral no Plural” é o primeiro de uma série de documentários (o segundo está em fase de pré-produção) que traz ao público o fruto das pesquisas teóricas desenvolvidas no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome), vinculado ao curso de Ciências Sociais. A elaboração do roteiro foi facilitada pelo fato de o perfil dos entrevistados, assim como a pesquisa teórica sobre o tema, já serem de conhecimento da equipe produtora do média-metragem. O filme foi homenageado no Festival Brasileiro do Cinema Digital de Jijoca de Jericoacoara (Ce), em 2011.

acabou extrapolando este limite devido ao acompanhamento do processo de roteirização e da edição de alguns filmes. As aulas foram ministradas sempre aos sábados, das 14:00 às 17:00 hs, entre os dias 20 de agosto e 19 de novembro de 2011.

Desde o princípio pensou-se o curso de forma que o material produzido pudesse ser exibido no Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão e na mostra Visualidades. Para tanto, foram realizadas parcerias buscando apoio dentro e fora da Faculdade. Além do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome), vinculado ao Curso de Ciências Sociais da UVA, foi importante a ajuda prestada por bolsistas vinculados à Empresa Júnior da FLF. O Labome abriu inscrições para professores e alunos dos cursos de Ciências Sociais e História da UVA e coordenou o evento Visualidades; os alunos da Empresa Júnior ficaram responsáveis pelo recrutamento de discentes do curso de Administração, bem como organizaram o material de aula (apostilas) e pauta para frequência.

Por ser um curso livre, não seria obrigatória a proposta de uma ementa. Entretanto, achei fundamental para a formatação do curso o esboço de uma ementa básica. Os pontos fundamentais trabalhados em sala de aula foram:

- O que é o cinema: rápida abordagem introdutória; documentário: o paradoxo realidade X ficção; o neo-realismo italiano: quando o documental invade a ficção; classificação do documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático; a técnica como construtora de novas linguagens no documentário; o documentário no Brasil; a gramática cinematográfica: noções básicas de regras do cinema para a realização de filmes pelos alunos do curso.

Em resumo, no curso livre de Introdução ao Documentário o aluno estudou o gênero cinematográfico documentário sob alguns aspectos: histórico, narrativo, técnico e à luz de um grupo de realizadores internacionais e brasileiros. Como ponto de partida o estudante conheceu de forma sintetizada o que é o cinema, bem como a relação entre ficção e documentário. Em seguida, investigou as dicotomias comuns entre documentário e ficção – essenciais para compreender a relação dos dois gêneros – que confrontam com a realidade. Em seguida, foram apresentadas as escolas e movimentos mais comuns do documentário – bem como seus diretores – que criaram tradições narrativas que permanecem como formas dominantes. O discente teve a possibilidade de verificar que, na história do documentário, o desenvolvimento tecnológico permitiu a

instauração de novas formas de narrativa e de relação entre o dispositivo (câmera) e o real. O aluno conheceu, também, realizadores brasileiros de diversas épocas (em especial, Eduardo Coutinho e José Padilha) e suas formas de narrativa. No último módulo do curso, a turma foi dividida em grupos, os quais, sob minha orientação, elaboraram documentários.

Constavam do projeto do curso objetivos geral e específicos, a saber:

- *Objetivo Geral:* fazer com que o aluno conheça a história do documentário, bem como suas subdivisões internas e a gramática cinematográfica, estando apto a refletir sobre o “fazer” fílmico e a realizar produções deste gênero.
- *Objetivos Específicos:* instigar os alunos dos cursos de Administração da FFLF, bem como os convidados da UVA, a produzir documentários como ferramentas complementares às suas atividades de pesquisa; levar o aluno a refletir acerca do recorte da “realidade” presente nos filmes documentários; promover a discussão crítica a respeito dos objetos fílmicos apresentados em sala de aula.

Atingir tais objetivos impescinde de alguns elementos metodológicos. O primeiro deles consiste em assistir sistematicamente às aulas. A perda de um encontro representa três horas de aula a menos em um curso condensado. Os encontros, necessariamente, possuem conteúdos expositivo e teórico apoiados em apostila, que contém textos básicos trabalhados em sala. A cada encontro foram realizadas exibições de filmes como ferramentas para fixação do conteúdo apresentado nos textos e em aulas expositivas, afinal, não é possível fazer filmes sem vê-los e sem discutir a respeito do que se vê. Por fim, foi promovida a divisão da turma em grupos para a orientação na produção de documentários em vídeo de curta duração. Cada aluno se uniu aos colegas segundo critérios diversos, como pelo tema a ser realizado, ou pela afinidade a determinadas pessoas.

Por fim, por ser um curso livre, não houve propriamente “avaliação”, aquela que consiste na verificação da aprendizagem. Optei pela entrega de certificado aos alunos que obtiveram pelo menos 75% de presença em sala, e que participaram da elaboração do documentário de curta duração realizado em grupo.

## DOCUMENTÁRIO E PRODUÇÃO ACADÊMICA

Os alunos do curso de Administração da Faculdade Luciano Feijão comungam da área de humanidades. O curso leva os alunos a refletirem sobre aspectos históricos e atuais de sua sociedade. Além disso, esta área de saber trabalha com informações que estão em constante transformação em nossa sociedade, sob as mais diversas formas.

O gênero cinematográfico documentário, filho primogênito do cinema, se apresenta como ferramenta de arquivamento audiovisual de informações. Além disso, promove reflexão acerca de nossa realidade, apresentando-se como elemento útil para alunos e profissionais para nossa área.

Quando foi oferecido o projeto do curso de Introdução ao Documentário à avaliação do NPE, tive em mente de que os alunos vinculados ao curso de Administração da Faculdade Luciano Feijão poderiam se instrumentalizar para transformar as imagens captadas em suas pesquisas audiovisuais em filmes. Poderiam, ainda, debater questões relativas às suas áreas de atuação, como, por exemplo, Recursos Humanos, cultura institucional, bem como usar o vídeo como instrumento para complementar sua formação humana, abordando temas que não tivessem relação direta com a área da Administração.

O convite feito a alunos e professores dos cursos de Ciências Sociais e História da UVA visava não apenas manter o trabalho que já vinha sendo desenvolvido na mostra Visualidades, mas propor, de fato, uma ação interdisciplinar envolvendo cursos da área de Ciências Humanas em duas instituições de ensino superior que, a partir de então, poderiam somar esforços e desenvolver ações em parceria.

O desafio era interpelar áreas do conhecimento que são próximas, mas que possuem, cada qual, sua especificidade em se tratando do objeto de estudo e do método envolvidos para se pesquisar seus objetos. O ponto de partida deveria ser, então, o “outro”, aquele que se inscreve na história, nas suas tensões do cotidiano; no “outro”, que constrói seus elementos culturais e que é construído por eles; o outro, que está presente naquele que administra bens, insumos e “outros”, em uma ciência social aplicada que, contemporaneamente, não pode – e não deve – fugir de suas responsabilidades sociais.

Na relação com o “outro”, minhas experiências docentes (sou professor universitário há 13 anos) e, mais recentemente, como documentarista, encontraram pontos de convergência e de cisões. De que maneira, vídeo e texto podem se

complementar na área das ciências humanas, onde o “outro” está presente e se relaciona comigo enquanto alguém que constrói enunciações?

A experiência do documentarista se aproxima daquela do antropólogo quando entrevistador e entrevistado constroem um jogo de tensão, onde estarão presentes aproximações e distanciamentos. Entrevistador e entrevistados são criadores do mesmo trabalho. O filme passa a ser uma produção conjunta, fruto de uma série de subjetividades. A grande diferença entre a escrita e o filme está na construção da narrativa, na condução da dramaticidade a partir de componentes de edição, de efeitos e de música, e no descompromisso em dialogar com autores. O filme não se pretende ser um trabalho científico, mas pode consistir em uma maneira de apresentá-lo sob outra forma para o grande público. Além disso, o trabalho científico costuma servir de base para a preparação do roteiro do documentário.

O primeiro encontro entre Ciências Sociais e filme documentário aconteceu em “Crônicas de Um Verão”, de Edgard Morin e Jean Rouch (“Chronique d’un Été”, França, 1960). No longa-metragem, os diretores, ambos sociólogos, pedem a uma entrevistadora que pergunte às pessoas “você é feliz?” pelas ruas de Paris, no verão de 1960. Na primeira parte do filme, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, são selecionados os personagens, que passam a ser seguidos em seus cotidianos. Na segunda parte, os personagens são levados a pensar questões abrangentes sobre suas vidas. Os diretores participam ativamente das filmagens, criando situações e intervindo quando acham necessário. Na última parte, os atores sociais assistem a uma primeira versão do documentário e discutem sobre sua participação no filme, em um processo metalinguístico.

Segundo o pesquisador Silvio Da Rin (2004), trata-se do primeiro documentário com ambições sócio-etnológicas, em que um método sociológico de investigação de uma dada realidade foi criado a partir de um dispositivo, no caso, a câmera. Deve-se destacar que, de fato, o método é a própria obra. Para Rouch e Morin, há uma verdadeira estreiteza de laços entre o documental e o ficcional. Eles consideravam o documentário uma visão construída a partir da realidade. Esta era uma questão que perseguia a ambos na realização de trabalhos sociológicos, e que foi transferida para o cinema documentário. Da mesma maneira, pode-se questionar, tanto nas produções textuais da área de Ciências Humanas quanto nos filmes documentários, questões referentes à objetividade e à subjetividade da produção do pensamento.

Interpelações que dizem respeito à objetividade do trabalho em Ciências Humanas me parecem, de fato, superadas. O texto do pesquisador busca, como um documentário, construir blocos de espaço-tempo; no caso do audiovisual, tal edificação fabrica impressões, sensações, mas sempre em função de pontos de vista e visões de mundo. Consuelo Lins (1997) afirma que, por mais artificial que seja a imagem, ela surge a partir de um dispositivo, sendo assim, há sempre um “grão de real” que ultrapassa toda a figuração. Não há estética mais justa para captar o mundo real, bem como não há estilo mais ou menos literário que possa dar conta de uma dada realidade. O fato é que, tanto no caso do texto impresso, como no audiovisual, o produto ainda está vinculado a uma rede semiológica construída, ou ainda, a uma forma de linguagem. Por isso, o trabalho com imagens também pressupõe um processo de decodificação. Não existe objetividade em torno da imagem de um entrevistado, mas a necessidade de leitura de um dado contexto. O receptor da imagem é alguém que possui sua própria percepção da realidade, com seus referenciais afetivos e intelectuais.

Dessa maneira, o ato de filmar (ou gravar) implica, ele mesmo, na transformação de uma dada realidade do que filma e daquele que é filmado. Ninguém fica impune diante do dispositivo “câmera”. Em uma entrevista na área de Ciências Humanas, o entrevistador e o entrevistado, a partir do contato estabelecido, jogam com artifícios que supõe relações de poder e de saber, domínio de códigos, construções fabulistas a partir da imaginação...

Entretanto, deve-se observar que, ao contrário das pesquisas em Ciências Humanas, o documentário não é mais próximo da realidade do que a ficção. Segundo Consuelo Lins, ele foi criado a partir desta crença, que é na verdade uma invenção, produzida por práticas e discursos específicos (LINS, 1997).

O pesquisador e documentarista Bill Nichols (2005) aponta outras semelhanças entre o trabalho dos cineastas e dos cientistas sociais ao afirmar que antropólogos e documentaristas vão a campo e procuram observar atentamente a vida de outras pessoas, sem que para isso seja necessário *ser* outra pessoa. Os documentários participativos, como “Sobral no Plural” e “Crônicas de Um Verão” – em que os diretores assumem que a realidade é uma construção e que, por isso mesmo, participam dela – permitem mostrar as diversas gradações e interações entre realizadores e entrevistados.



Para Roberto Cardoso de Oliveira, o grande desafio na Antropologia é aproximar o discurso escrito do imagético. Oliveira concorda que a neutralidade da imagem é uma ficção, e que cabe à Antropologia Visual apontar uma melhor compreensão da relação entre o discurso textual e imagético. Para ele, o grande passo que a Antropologia deu nos últimos 15 ou 20 anos foi colocar *no seu devido lugar* a busca de objetividade, que é uma *ideia reguladora*. Para Oliveira, a questão da *verdade* deve ser vista à luz da *veracidade*, que é um ponto de consenso entre pares (gerado segundo alguns critérios criados a partir de debates), então haverá certo controle (MENDONÇA; SAMAIN: 2000).

Há outro elemento que aproxima a antropologia e o cinema: a antropologia visual nasceu em meados do século XIX com a “era da reprodutibilidade técnica” (no sentido colocado por Walter Benjamin) e da expansão industrial (BENJAMIN, 1982).

Segundo José da Silva Ribeiro (2005), o cinema e a antropologia participam do mesmo processo de identificação científica. O seu nascimento coincide com a sistematização da atitude analítica como um dos aspectos predominantes na atitude científica do século XIX e com a expansão industrial. O objeto da antropologia e do cinema situava-se, sobretudo, em sociedades geográfica, física, material e culturalmente distantes das nossas. O desenvolvimento deste objeto acompanha os mesmos processos históricos e sociais, como a fragmentação das narrativas e a crise das representações na década de 80 do século passado. Além disso, a modernidade acaba por se concretizar por meio da percepção apresentada pelo cinema, elemento de investigação da recente antropologia da imagem.

Muito ainda poderia ser tratado com relação às aproximações entre as Ciências Humanas e o cinema documentário, mas este debate, *per se*, já definiria um novo artigo. O que me interessa é revelar aqui que o trabalho desenvolvido pela Sociologia Visual e a Antropologia Visual (ou Antropologia da Comunicação Visual, como preferem Massimo Canevacci e Jay Ruby) centra-se em três objetivos principais (RIBEIRO, 2005):

- A utilização das tecnologias de som e da imagem na realização do trabalho de campo;
- a construção de discurso ou narrativas visuais e o desenvolvimento de retóricas convincentes (de boas práticas), seja no meio acadêmico, seja para os públicos e para as funções a que se destinam os produtos resultantes;

- a análise dos produtos visuais – resultantes do trabalho dos antropólogos com vista às formas de aprendizagem da antropologia e do cinema, mas também outros produtos visuais.

Portanto, considerando as aproximações e distanciamentos entre o material de pesquisa escrito e os filmes documentários, o curso livre de Introdução ao Documentário vai ao encontro dos objetivos já propostos por estas áreas das Ciências Sociais, ao permitir:

- A utilização do meio audiovisual para construir alternativa ao discurso oral;
- o arquivamento material imagético produzido por docentes e discentes de Sobral em laboratórios (como o Labome/UVA) e bibliotecas de instituições de ensino, de forma que os filmes sirvam como material paradidático no meio acadêmico;
- dar oportunidade aos alunos a terem acesso a vasto acervo referente à história do documentário, o que possibilita estimular novas releituras e apropriações do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso livre de Introdução ao Documentário, tal qual apresentado neste artigo, é fruto de um trabalho que articula o trinômio texto/áudio/imagem, expresso em outro trinômio: ensino/pesquisa/extensão. A primeira edição deste curso, que tem sua gênese em 2009, resulta de disciplinas em que alunos procuram apresentar trabalhos de maneira alternativa, que não aquelas que sobrepõem o texto à imagem. Metodologicamente, o texto serviu de parâmetro para o curso livre de Introdução ao Documentário, mas a tentativa de constituir uma mostra de fotografias e vídeos foi revelar que academia pode – e deve – estimular a produção de conhecimento através de outras linguagens que não apenas a do texto escrito.

O resultado do curso tem como mérito provar que é possível realizar, ainda que sem recursos financeiros, trabalho em audiovisual em uma instituição de ensino superior do interior do Ceará como a UVA, onde 75% dos alunos (segundo dados da própria instituição) são considerados pobres. O trabalho só foi possível em função do uso de mídias (como celulares que possuem máquinas fotográficas e filmadoras acopladas e câmeras digitais) pertencentes aos próprios alunos, ou de amigos e familiares. Hoje, com um pequeno PC ou *laptop* em casa, é possível editar filmes e

fotos. O mesmo método de trabalho foi utilizado com os alunos que cursaram a versão do curso apresentada na FLF.

Já na segunda edição, preocupados em transcender os muros da Universidade, abrimos portas para novas parcerias: a Casa de Cultura, com a mostra I Ecos Visuais. Na terceira edição a Faculdade Luciano Feijão, com a aprovação do curso de Introdução ao Documentário ministrado por mim (e que permitiu a participação de alunos externos à FLF), e o Sesc, que cedeu telão e caixas de som para exibição de filmes no pátio externo do CCH da UVA, tornaram-se parceiros na empreitada. Esta foi a maneira de aproximar a produção de imagens no CCH e na FLF à comunidade sobralense, no sentido de transformar Sobral um pólo produtor de vídeos-documentários de baixo orçamento na zona Noroeste do estado do Ceará, propondo possibilidades para que se possa pensar a cidade de maneira horizontal, unindo diferentes instituições e seus laboratórios, pesquisadores, linhas de pesquisa, artistas e linguagens.

O resultado das três edições do curso livre de Introdução ao Documentário foram filmes melhor acabados. A semente, plantada em 2009, começa a dar frutos: parte dos curtas-metragens está constando da programação do I Encontro de Jovens Cineastas da América Latina e do Caribe, a ser realizado em Sobral, na segunda quinzena de maio de 2012. Trata-se dos filmes “A vida entre tecidos, fios e nós”, de Telma Bessa, “Lembranças e vestígios de cativo: escravidão, abolição e pós-abolição”, de Paulo Henrique de Souza Martins, “Dom Expedito: cultura, arte e expressão”, de Thiago de Castro, “Vida e bairro: Vila União”, de Josiany Oliveira Mota, e “Sumaré: história, versões e gerações”, de Daniele do Nascimento Rodrigues, todos produzidos a partir do curso realizado na FLF. “A vida entre tecidos, fios e nós” acaba de ser aceito, também, no Festival Internacional da Universidade de Perugia, na Itália, que tem como tema “Cinema e Trabalho”, no final de maio de 2012.

Partiu-se do ensino e da pesquisa laboratorial para a Extensão através das linguagens visuais. Na Extensão, buscou-se romper com a visão uni-institucional, e trabalhar em grupo. Nas artes, procurou-se aproximar a academia da população local. Pretende-se, com esta mistura, incrementar a produção artística, cultural e intelectual em/sobre Sobral.

**FILMES PRODUZIDOS NO CURSO LIVRE DE INTRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO – FLF**

<b>Título</b>	<b>Nome do componente</b>	<b>Função</b>
<i>A vida entre tecidos, fios e nós</i>	Telma Bessa Sales	Direção, pesquisa, roteiro, edição e finalização
	Allana Araújo Vasconcelos	Edição e finalização
	Edilberto Florencio dos Santos	Roteiro, produção
	Francisca Maria Carneiro Liberato	Produção
	Francisco de Sousa Furtado	Roteiro, produção
	Luis Carlos Lima	Roteiro, produção, edição e finalização
	Rodrigo Sousa Ferreira	Produção
	Talynne Rose Ferreira	Produção
	Maria de Fátima Carneiro Damasceno	Bordado da abertura
	Rogênio Martins	Ator
	Janilson Ferreira Neves	Imagem, som direto, edição e finalização
	José Ivanésio Silva	Imagem e som direto
	Valdirene de Maria Pinheiro	Manequim
	Sandra Maria Soares Marques	Manequim
<i>A caminho da fábrica, a caminho da universidade</i>	Fátima Regina Portela de Menezes	Direção e imagem
	Nayana Mara Arruda Albuquerque	Direção e roteiro
	Emília Alves de Souza	Direção e imagem

ANAIS do IV Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, novembro de 2011.

	Gilson Menezes	Edição
<i>Dom Expedito: cultura, arte e expressão</i>	Thiago Silva de Castro	Direção, produção, roteiro, imagem e edição
	Josiany Oliveira Mota	Roteiro e produção
	Nilson Almino de Freitas	Roteiro, produção, edição
	Daniele do Nascimento Rodrigues	Roteiro
	Dalila Castro	Imagem
	Janilson Neves	Edição e finalização
<i>Sumaré: histórias, versões e gerações</i>	Daniele do Nascimento Rodrigues	Direção, roteiro, produção, imagem
	Nilson Almino de Freitas	Roteiro, produção
	Josiany Oliveira Mota	Roteiro
	Thiago Silva de Castro	Roteiro
	Márcio Paulo Gonçalves Tibúrcio	Edição e finalização
	Marcos Antônio Machado	Imagem
	Francisco Acílio Ferreira dos Santos	Imagem
<i>Lembranças e Vestígios de Cativoiro</i>	Paulo Henrique Martins	Direção, pesquisa, roteiro
	Luís Carlos Lima	Roteiro, edição, pós-produção
<i>Reciclar Vidas – Começa com Você!</i>	Jani Mesquita	Direção, roteiro
	Amanda Gomes	Direção de fotografia
	Élcio Pereira	Imagens

ANAIS do IV Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão.  
Sobral-CE, novembro de 2011.

	Maicon Araújo	Montagem
<i>Um Dia no Orfanato</i>	Bruno Aguiar	Direção
	Mirla Eufrásio	Direção
	Jandervando de Sousa	Direção
	Vilton Júnior – VJ Produções	Edição

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 209-240.

DA-RIN, Silvio. *Espelho partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

LINS, Consuelo. “Documentário: ficção diferente das outras?” In: *Magazine*, Caderno Cultural do jornal *O Tempo*, Belo Horizonte: 1997.

MENDONÇA, João Martinho de; SAMAIN, Étienne. “Entre a escrita e a imagem: diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira”. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 2000, v. 43 n°1.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papyrus, 2005.

RIBEIRO, José da Silva. “Antropologia Visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação”. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 2005, V. 48, n° 2.